

## O PISA E A REALIDADE DA LEITURA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Daniela Deyse Silva de Alencar <sup>1</sup>  
Helyab Magdiel Alves Lucena <sup>2</sup>  
Verônica Maria de Araújo Pontes <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo diz respeito a uma pesquisa realizada no período de abril a junho de 2019 acerca da leitura com base nos dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes). De modo geral, objetivamos analisar o desempenho dos estudantes norte-rio-grandenses na área do conhecimento leitura a partir dos resultados do PISA nas edições 2009, 2012 e 2015. A abordagem da investigação é qualitativa, de natureza exploratória, na qual utilizamos das pesquisas bibliográfica (GIL, 2010) e documental. Como base teórica, nos amparamos em Solé (1996) e Pontes (2012) que assentam, respectivamente, sobre o conceito de leitura, sujeito leitor e a leitura na escola, entre outros autores. Os resultados mostram que os alunos analisados se encontram na condição de analfabeto pleno ou analfabeto funcional, isto é, inaptos de compreender textos complexos, muito embora sejam tecnicamente alfabetizados. Desse modo, é preciso romper com os índices de competência leitora e ressignificar a importância da leitura nos espaços escolares.

**Palavras-chave:** PISA, Leitura, Competência leitora.

### INTRODUÇÃO

Ser sujeito leitor em uma sociedade cada vez mais dinâmica e tecnológica é ser capaz de ler e compreender os textos em suas múltiplas linguagens e semioses e participar ativo e proficuamente das práticas sociais letradas em eventos de letramento específicos.

A escola, por exemplo, é um desses espaços específicos de letramento responsável pela formação do aluno e pelo desenvolvimento da motivação leitora. Entretanto, ainda permanecem práticas mecânicas de leitura centradas na decodificação de palavras e/ou voltadas à oralidade (SOARES, 2008; PONTES, 2012; PONTES; AZEVEDO, 2013) que não suscitam no educando a compreensão leitora. É o que dizem também os resultados de pesquisas e avaliações, como o PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes),

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - POSENSINO, associação ampla Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, dannydeyse@hotmail.com;

<sup>2</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino - POSENSINO, associação ampla Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, helyablucena9@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Minho/Portugal, professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO, associação ampla UERN/UFRSA/IFRN, veronicauern@gmail.com.

ao constatarem que o estudante brasileiro não consegue compreender textos complexos, colocando-o à condição de analfabeto funcional ou analfabeto pleno.

Ler é uma atividade que requer posição ativa do leitor diante do texto e competências leitoras, tais como conhecimentos prévios, linguísticos e de mundo, inferências, retomadas de contextos e posicionamentos crítico e analítico (SOLÉ, 1996). Consideramos que ler é uma habilidade que faz parte das práticas sociais entre os sujeitos, necessitando, por essa razão, ser ensinada e trabalhada pela escola. Significa transpor os processos automatizados de leitura.

À vista disso, problematizamos: O que os dados do PISA nas edições 2009, 2012 e 2015 apresentam sobre a realidade da leitura no Brasil e o desenvolvimento do estudante quanto a atividade leitora?

De modo geral, objetivamos analisar o desempenho dos estudantes norte-riograndenses na área do conhecimento leitura a partir dos resultados do PISA nas edições 2009, 2012 e 2015.

Como base teórica, nos fundamentamos em Solé (1996) e Pontes (2012), as quais assentam, respectivamente, o conceito de leitura, sujeito leitor e a leitura na escola, entre outros autores.

Quanto à estrutura do trabalho, subdividimo-lo em três tópicos: no primeiro, abordamos o tema leitura e a significância dessa atividade para as práticas sociocomunicativas; no segundo, caracterizamos o PISA; e no terceiro, fazemos uma análise dos resultados do PISA (edições 2009, 2012 e 2015) acerca da leitura na região Nordeste e, em especial, o desempenho dos estudantes a nível Estado Rio Grande do Norte.

Nas análises, percebemos que os estudantes pesquisados não possuem conhecimentos básicos de leitura, assim como são inábeis de ler e compreender textos complexos, mesmo sendo tecnicamente alfabetizados.

## **1 METODOLOGIA**

Este artigo diz respeito a uma pesquisa realizada no período de abril a junho de 2019 acerca da leitura a partir dos dados do PISA – edições 2009, 2012 e 2015 – divulgados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), no qual buscamos investigar em que nível se encontra o desempenho dos estudantes no Brasil acerca da temática em menção, em específico no Estado do Rio Grande do Norte/RN.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, de natureza exploratória, na qual utilizamos das pesquisas bibliográfica e documental (GIL, 2010). A pesquisa bibliográfica é “[...]”

desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2010, p. 50).

No que diz respeito à pesquisa documental, utilizamos os relatórios do PISA (edições 2009, 2012 e 2015) para elaborarmos os gráficos visando as análises, realizarmos o tratamento das informações e, a partir disso, percebermos como está a realidade dos estudantes norte-rio-grandenses no que diz respeito à leitura.

## 2 LEITURA: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

A leitura é uma atividade que desperta o lúdico, possibilita a formulação de pensamentos e a associação de informações. À vista disso, requer do sujeito leitor conhecimentos prévio, linguístico e de mundo e competência leitora para ler nas entrelinhas do texto as ideias apresentadas, ou omitidas, pelo autor.

Essa atividade está presente nos espaços coletivos sociais cujas práticas sociocomunicativas se fazem necessárias e são essenciais. Todavia, questionamos: os textos são compreendidos pelos leitor?; o que o ato de ler possibilita?.

À escola, responsável pela formação do aluno e o desenvolvimento da motivação leitora, cabe a função de conceber a construção de leitores competentes. Essa instituição educativa não deve reduzir a leitura à decodificação da escrita ou à recuperação simplista de informações, mas suscitar no aluno a produção de sentidos e estimular o lado lúdico da leitura “[...] de maneira agradável e poderosa, envolvendo representações, subjetividades, desvendamentos de significados, conhecimentos e uma interação textual constante” (PONTES, 2012, p. 30).

De acordo com Oliveira *et al* (2017, p. 6):

Para poder ler é preciso saber ler. Para gostar de ler, também é preciso saber ler. Portanto, o primeiro passo da escola consiste em assegurar um correto e adequado processo de iniciação à leitura. Essa leitura como prática sócio-cultural deve estar veiculada ao prazer com facilitamento de discussão e apreciação dos significados atribuídos aos textos [...] e com resultados significantes para os leitores e professores.

Para Pontes (2012), a leitura é um processo cognitivo e interativo no qual o leitor dá sentido ao texto a partir do momento que transforma letras e palavras em informação e constrói conhecimentos.

Solé (1996), por sua vez, assenta que a leitura é uma maneira de ter acesso a pontos de vista distintos, à atualidade e à aquisição cultural do conhecimento. Esse pensar

fundamentado pela autora coaduna com o que Oliveira *et al.* (2017) demonstram no que diz respeito à leitura enquanto prática sócio-cultural, formada por diversos sujeitos e com possibilidades elucidativas sob diferentes perspectivas de análise.

Assim, o sujeito leitor ao desenvolver a habilidade leitora “[...] deve adotar um pensamento estratégico, dirigindo e auto regulando [...]” (SOLÉ, 1996, p. 28) o ato de ler, compreendendo os propósitos da leitura e colocando nessa atividade seus interesses e motivações.

De acordo com Silva (2005), a leitura é construída a partir da composição do tecido verbal que articula ideias e oportuniza a produção de conceitos com referenciais da realidade, é produção de sentidos cuja riqueza textual evoca múltiplas compreensões entre os leitores; “[...] coloca no horizonte um propósito para o adentramento na leitura [...]” (SILVA, 2005, p. 41). Em outras palavras, sempre lemos com uma finalidade, mesmo que seja para a leitura lazer, por exemplo.

Essas concepções interacionistas da leitura precisam ser ensinadas e trabalhadas na/pela escola, de maneira que os alunos possam ler com competência e exercer a cidadania de maneira pensante, a atuar e participar de eventos de letramento, a discutir o texto e a ampliar o seu o repertório de leitura (PONTES, 2012).

Acerca desse letramento, explicamos: Soares (2002; 2008) nomina letramento a participação de indivíduos ou grupos de sociedades letradas que desempenham efetivamente práticas sociais de leitura e de escrita e participam de forma competente de eventos de letramento. Entretanto, na última década, a definição do termo rompeu as compreensões fronteiriças. Ser sujeito letrado na contemporaneidade não delimita-se mais a apenas saber ler e escrever (ROJO, 2009).

Em uma sociedade cada vez mais de base tecnológica, com perspectivas culturais diversas, linguagens e semioses cujos textos mesclam-se para produzir novas contexturas e significados é preciso empoderar-se dos diversos letramentos (visual, crítico, digital, literário, por exemplo) e tornar-se cidadão ativo e participativo antes às práticas sociais.

Um leitor competente é aquele que analisa, critica e avalia a informação e dá sentido e significado ao que lê. Dessa maneira, as propostas constantes no currículo escolar referentes ao trabalho com a leitura, em especial o ensino de Língua Portuguesa, precisam orientar os alunos a se questionarem para nortear suas compreensões. O objetivo geral do ensino, e também da leitura, é ajudar os educandos a alcançar a autonomia, permitindo-lhes gerir e regular a própria aprendizagem sem que haja a presença do professor (SILVA, 2005) e participar dos eventos sociais proficuamente.

Conforme ratificamos, a leitura é competência da escola, entretanto essa atividade não deve ser trabalhada apenas para as finalidades escolares e abordada sob a forma automatizada. O mundo social vivido pelos alunos requer desses sujeitos práticas sociais de leitura e escrita fecundas. Quando dizem respeito ao espaço escolar, essas solicitações provêm sob a forma de avaliações, internas e externas também. A exemplo, citamos o PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes), que objetiva avaliar a aquisição de conhecimentos e habilidades dos estudantes para a participação social, entre elas a leitura. Acerca desse Programa, no tópico seguinte descrevê-lo-emos.

### **3 PISA: CONTEXTUALIZAÇÃO**

O PISA (Programa Internacional de Avaliações de Estudantes) é uma avaliação coordenada internacionalmente pela OCDE (Organização para o Desenvolvimento Econômico), a qual permite à população perceber como está a aprendizagem dos estudantes de diversos países que fazem parte desse exame.

No Brasil, essa avaliação é coordenada pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e realizado com alunos na faixa etária de 15 anos; ocorre trienalmente; abrange as áreas Linguagem, Matemática e Ciências; e a cada edição é considerada uma área específica.

O referido Programa objetiva avaliar a aquisição de conhecimentos e habilidades dos estudantes para a participação social; produzir indicadores de desempenho estudantil dos países envolvidos; comparar a realidade das nações participantes; discutir a qualidade da educação ministrada nessas nações, e a partir dos resultados; refletir e subsidiar políticas de melhoria para a Educação.

Essa avaliação apresenta-se significativa para a sociedade à medida que permite uma amostragem da realidade educacional dos países participantes, de maneira a compreender o que precisa ser repensado, permanecido ou ampliado para um melhor desenvolvimento estudantil.

Na presente pesquisa, o nosso foco de estudo é a Leitura e, por isso, trazemos uma discussão no que diz respeito a avaliação e os resultados acerca do tema a partir das três últimas edições do PISA (2009; 2012; 2015).

Segundo o relatório dos resultados do PISA, ano referência 2015, “o letramento em leitura refere-se à compreensão e utilização dos textos escritos, bem como à capacidade de contato com estes suscitar reflexão e envolvimento, a fim de alcançar um objetivo,

desenvolver conhecimento e potencial, assim como participar da sociedade” (PISA, 2016, p. 18).

Partindo desse entendimento, compreendemos que um indivíduo letrado precisa ser capaz de utilizar adequadamente a leitura, a interpretar e compreender textos diversos a fim de construir competências e participar socialmente.

Salientamos que a avaliação de letramento em leitura do PISA é formada com base em três características de atividades: “situação (refere-se à gama de contextos ou finalidades amplas a que se aplica a leitura); texto (refere-se aos materiais lidos); e aspecto (refere-se à abordagem cognitiva que determina como os leitores se envolvem com o texto)” (PISA, 2016, p. 36).

A partir dessas atividades, a avaliação terá fontes e embasamentos para apontar e identificar como se encontra o nível de leitura dos sujeitos envolvidos no processo dessa pesquisa. O PISA apresenta sete níveis de proficiência em leitura (1b, 1a, 2, 3, 4, 5 e 6) que auxilia a avaliar e identificar em qual ponto encontram-se os estudantes avaliados. O primeiro nível (1b) representa a competência mais baixa e o último (6) a mais significativa.

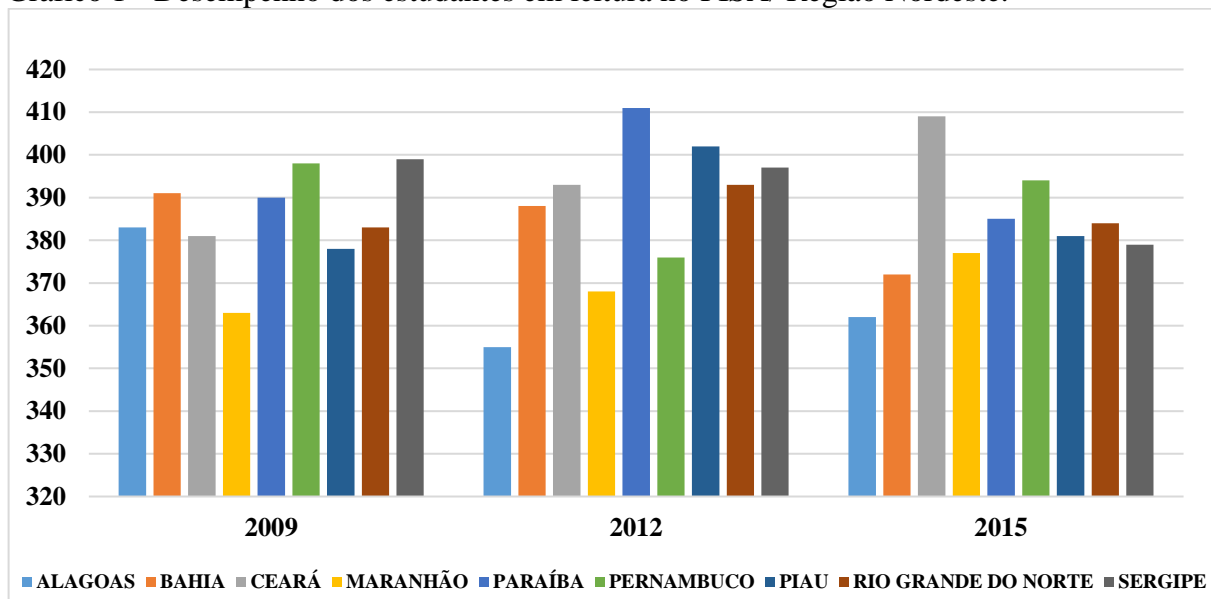
Com base nas edições 2009, 2012 e 2015 do PISA, pudemos perceber que o Brasil apresentou resultado preocupante na área do conhecimento leitura, com 412, 410 e 407 pontos, respectivamente. Esses dados nos permitem refletir que os brasileiros apresentam letramento em leitura de maneira deficiente, ou seja, fazem a leitura das palavras, mas não conseguem compreender com eficiência o sentido do texto. Além disso, 51% dos estudantes na faixa etária de 15 anos encontram-se abaixo do nível 2 em leitura, considerado necessário para que tenham capacidades de efetivar sua cidadania de forma consciente e responsável.

Por conseguinte, a leitura precisa ser desenvolvida e trabalhada na escola de maneira significativa e contextualizada, possibilitando a formação de leitores letrados e fazendo dessa atividade uma prática repleta de experiências, sob os mais diversos suportes textuais. No tópico seguinte, analisamos o desempenho dos estudantes norte-rio-grandenses acerca da leitura nas três últimas edições dos PISA e a relação do Estado do RN em relação às demais federações que englobam a região Nordeste.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das pesquisas realizadas nos relatórios do PISA, percebemos que o nível de leitura dos estudantes brasileiros apresenta dados inquietantes. Ao limitarmos as análises à região Nordeste (Gráfico 1), o desempenho dos alunos por unidades federativas diversifica-se.

Gráfico 1 - Desempenho dos estudantes em leitura no PISA/ Região Nordeste.



**Fonte:** Elaborado pelos autores com base nos relatórios do PISA divulgados pelo INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/PISA/resultados>. Acesso em 21 jun. 2019. **Legenda:** Os números descritos na vertical dizem respeito à pontuação obtida pelos Estados, e na horizontal às edições do PISA.

Os Estados da Bahia (BA) e Sergipe (SE), a exemplo, declinaram nos resultados das edições 2012 e 2015 em comparação a 2009. Quanto a Alagoas (AL), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Piauí (PI) e Rio Grande do Norte (RN) todos oscilaram nas três últimas edições, com destaque para a Paraíba, que apresentou a seguinte pontuação: 390 pontos (2009), 411 pontos (2012) e 385 (2015).

Já o Maranhão (MA) e o Ceará (CE) ascenderam nos resultados do PISA, com notoriedade para o último Estado, que obteve 381, 395 e 409 pontos nas edições 2009, 2012 e 2015, respectivamente.

Inferimos que a notabilidade desse último Estado nas edições descritas se deu em razão de um plano de ações significativamente articulado, cujas responsabilidades não se limitaram a apenas o professor e o alunado para o alcance de bons resultados, mas, também, à gestão. Compreendamos essa gestão a direção da escola, a secretaria de educação e o governo. Quando essas classes se unem para deliberar práticas de melhoria de qualidade da educação todos fortalecem o condão do ensino e logram o Estado, as cidades, as escolas, professores e alunos.

Ao limitarmos essa gestão ao espaço da escola, ao gestor, esse sujeito pode oportunizar a participação da comunidade escolar (incluindo professores, especialistas, pais, alunos e funcionários) para o alcance dos objetivos e agir como líder pedagógico – avaliando os programas pedagógicos, organizando e participando de projetos de desenvolvimento de

funcionários e também salientando a relevância dos resultados alcançados pelos alunos (LÜCK *et al.*, 1998).

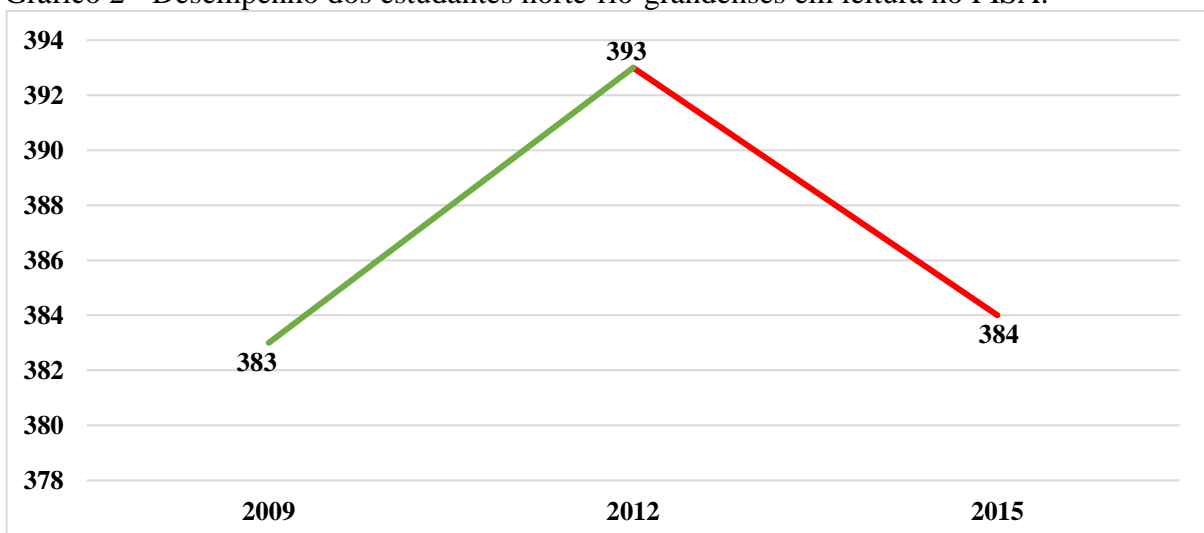
Essa participação “[...] caracteriza-se por uma força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados [...]” (LÜCK *et al.*, 1998, p. 17). Essa dinâmica “[...] tornam certas escolas mais eficazes do que outras, cujas características em termos de clientela, nível educacional e recursos são as mesmas (LÜCK *et al.*, 1998, p. 23).

Pensar o ensino e, especificamente o ensino de leitura, é intencional o empoderamento de alunos/cidadãos que assumam posturas críticas e conscientes ante à leitura de textos diversos e às práticas sociais letradas de maneira profícua; prática social que não deve se limitar a automatização e restrito à escola.

Essa relação leitura, conhecimento e cidadania são complexas e impõe clareza dialética “[...] para não deixar margem a aproximações mecânicas e desviando assim o olhar para o senso comum” (SILVA, 2005, p. 46). Essa trilogia precisa ser percebida e discutida pela sociedade brasileira, cujas ações, se bem pensadas, podem minimizar o resultado mal-acabado que se revela diante dos resultados de avaliações, como a exemplo o PISA.

No que diz respeito ao desempenho do Estado do Rio Grande do Norte (Gráfico 2), foco de nossa pesquisa, verificamos que o estudante norte-rio-grandense apresentou resultado diminuto na área do conhecimento leitura nas três últimas edições do PISA.

Gráfico 2 - Desempenho dos estudantes norte-rio-grandenses em leitura no PISA.



**Fonte:** Elaborado pelos autores com base nos relatórios do PISA divulgados pelo INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/PISA/resultados>. Acesso em 21 jun. 2019. **Legenda:** Os números descritos na vertical dizem respeito à pontuação obtida pelo Estado, e na horizontal às edições do PISA.



Os dados descritos acima apresentam uma realidade preocupante de leitura no contexto educacional potiguar. O Estado em menção obteve 383, 393 e 384 pontos nas edições 2009, 2012 e 2015, respectivamente.

Através dessa amostragem é possível inferirmos que os estudantes norte-riograndenses necessitam desenvolver a leitura e ampliá-la para a participação diversa e nos diferentes contextos. É nítido o declínio que houve nas duas últimas edições, o qual ocorreu variação de nove pontos, número esse expressivo.

Em vista disso, é de suma importância que essa realidade leitora seja superada, de maneira que a leitura represente experiência pertinente para a participação e o viver dos sujeitos em sociedade. Segundo Silva (1985, p. 99), “o ato de ler sempre pressupõe um enriquecimento do leitor através do desvelamento de novas possibilidades de ser e existir”. Desse modo, é preciso que entendamos que a cada leitura o leitor vivencia e descobre novos conhecimentos essenciais para a vida e evolução enquanto ser pensante e atuante socialmente.

Para isso, é importante que sejam políticas públicas exequíveis e dinâmicas que se adequem aos diferentes contextos locais, que enriqueçam no ambiente escolar parcerias, estratégias e formações com professores que venham somar e fortalecer vivências significativas de leitura no espaço educativo, já que a “[...] escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros [...]” (MARTINS, 2006, p. 23).

É nessa instituição educativa que se deve fomentar práticas leitoras que possibilite a formação de leitores, e para isso é fundamental que o professor entenda que “a leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos pré-elaborados. (SILVA, 1985, p. 98), mas como prática repleta de experiências, conhecimentos e descobertas.

Portanto, para que possamos formar estudantes leitores e apresentar resultados significativos em relação a área de conhecimento leitura é preciso formar um “leitor que compreende e interpreta o que lê [...]” (SARDINHA, 2007, p. 1), superando, dessa forma, práticas de leitura mecânicas e sem sentido para os alunos.

Através desse panorama é possível compreendermos a importância e a necessidade de refletirmos e discutirmos políticas educacionais que possam enriquecer e fortalecer práticas de leituras nos ambientes escolares do Rio Grande do Norte. As políticas educacionais existem, o que torna-se essencial é perceber e reconhecer que nesses espaços os sujeitos que neles adentram provêm de contextos sociais, econômicos e culturais diversos, sendo necessárias adequações e estratégias de melhoria à qualidade do ensino e ao trabalho com a leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, concluímos que a leitura no contexto brasileiro, em especial no Estado do Rio Grande do Norte, necessita ser discutida e ampliada, tantos pelos pares que congrega a escola (gestores, supervisores, coordenadores, professores e alunos), assim como pela sociedade em geral, pois a realidade apresentada nas avaliações e respectivos resultados precisa ser revista, repensada e superada.

No presente artigo, realizamos um estudo acerca da proficiência em leitura dos estudantes brasileiros a partir dos dados do PISA em suas três últimas edições (2009; 2012; 2015). Objetivamos realizar um diálogo entre os autores que discutem a leitura e analisar os resultados apresentados por essa avaliação a fim de refletir o tema e os leitores que estamos formando no contexto educacional brasileiro.

A partir das análises, pudemos perceber que o nível de leitura dos estudantes do Estado Rio Grande do Norte apresenta preocupação. Os sujeitos pesquisados não possuem o nível dois de leitura, nível esse considerado pela OCDA como necessário para viver e atuar na sociedade como cidadão participativo, pensante e atuante. Logo, encontram-se na condição de analfabetos funcionais ou analfabetos plenos, ou seja, são tecnicamente alfabetizados, mas não conseguem compreender textos complexos.

As reflexões nos conduziram a compreender que para a escola formar leitores letrados é necessário que nesse espaço de formação sejam fomentadas práticas de leituras com textos significativos e sob os mais variados gêneros, não apenas os escolares, mas também os que circulam socialmente. Por conseguinte, é de fundamental importância que os formadores de leitores reavaliem suas práticas de ensino, pois o trabalho em sala de aula com a leitura exige comprometimento, disposição e planejamento. Ademais, essa atividade pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e a formação de pessoas críticas perante a realidade social que estamos inseridos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes: Resultados Nacionais PISA 2009.** Brasília: O Instituto, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/PISA/resultados>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. **Relatório Nacional PISA 2012: Resultados brasileiros.** São Paulo: Fundação Santillana, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/PISA/resultados>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros.** OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Fundação Santillana, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/PISA/resultados>. Acesso em: 10 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÜCK *et al.* **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

OLIVEIRA, Ângela Araújo de, *et al.* **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** In.: XIV Jornada Nacional da História da Educação entre a Pedagogia Histórico Crítica e a Educação Básica... **Anais** [...] Belém: UFPA, 2017, p. 1-25. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT4%20PDF/LEITURA%20NA%20ESCOLA%20ESPA%20C7O%20PARA%20GOSTAR%20DE%20LER.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/LEITURA%20NA%20ESCOLA%20ESPA%20C7O%20PARA%20GOSTAR%20DE%20LER.pdf). Acesso em: 30 jun. 2018.

PONTES, Verônica Maria de Araújo. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil - Curitiba:** CRV, 2012.

PONTES, Verônica Maria de Araújo; AZEVEDO, Fernando. **A LEITURA NA ESCOLA: Como? Quando? E Por quê?.** In: PONTES, Verônica Maria de Araújo; SILVA, Luzia Guacira dos Santos; BATISTA, Maria Carmem Silva (Orgs.). **Trilhas Pedagógicas.** - 1ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 25-35.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARDINHA, Maria da Graça. **Formas de ler.** In: AZEVEDO, Fernando (Org). **Formar Leitores das Teorias às Práticas.** Lisboa: Lidel, 2007, p. 1-7.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & Realidade Brasileira.** 2 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

SILVA Ezequiel Theodoro da. **Leitura em Curso: trilogia pedagógica.** 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura.** **Educ Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 5ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

SOLÉ, Isabel. Ler, Leitura, Compreensão: “Sempre falamos da mesma coisa”? **Articles de Didáctica de lla llengua i de la literatura**, n.7, p. 7-19, enero, 1996. Disponível em: [http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/T/TEBEROSKY\\_Ana/Compreensao\\_De\\_Leitura\\_A\\_Lingua\\_Como\\_Procedimento/Liberado/Cap\\_01.pdf](http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/T/TEBEROSKY_Ana/Compreensao_De_Leitura_A_Lingua_Como_Procedimento/Liberado/Cap_01.pdf). Acesso em: 27 jun. 2018.